

Anotações de descobertas tardias

Um conto, para começar:

“ Um forasteiro chega a um povoado e encontra um velho monge com seu discípulo. Logo vai perguntando:

- Que tipo de pessoa vive neste lugar?

O monge retrucou com uma pergunta:

- Que tipo de pessoa vivia no lugar de onde você vem?

- Lá só havia gente egoísta, pessoas malvadas e fofoqueiras, um horror!, respondeu o homem.

- Ah... aqui também você vai encontrar o mesmo tipo de pessoa, disse o monge.

No mesmo dia chega um outro viajante:

- Mas me digam, que tipo de pessoa vive por aqui?

- Que tipo de pessoa vivia no lugar de onde você vem? perguntou o monge, como da vez anterior.

- Pessoas muito amigas e generosas! Fiquei muito triste de deixá-las...

- Ah... O mesmo tipo de pessoa encontrará por aqui - respondeu o monge. E o homem seguiu contente para o povoado.

O discípulo então questionou o monge:

- Mestre, como é possível conclusões tão diferentes para a mesma pergunta e resposta?

- Aquele que não encontrou nada de bom nos lugares onde viveu, não poderá encontrar outra coisa por aqui. Já aquele que encontrou bons amigos e experiências, também os encontrará aqui. Só podemos controlar a nós mesmos. Nossas atitudes é que vão criar os bons encontros e amizades.”



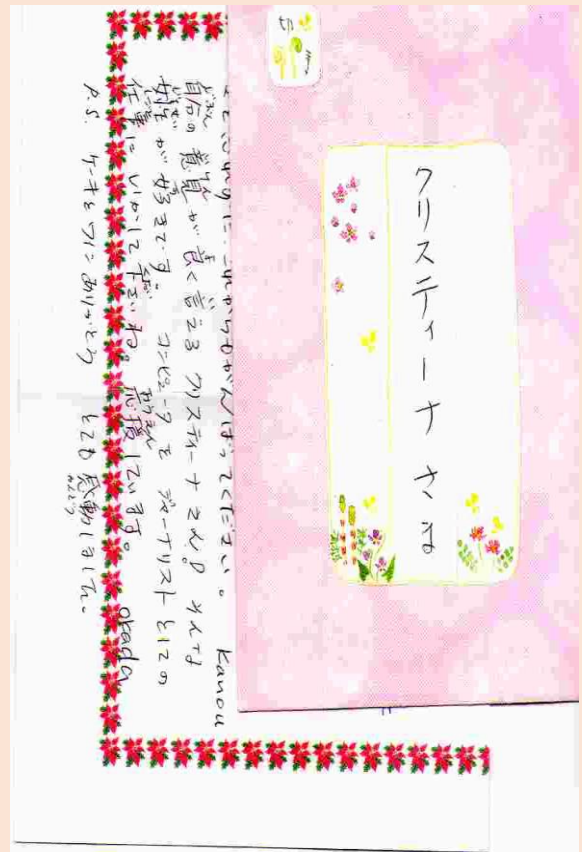
Nos oito anos que passei no Japão conheci pessoas incríveis e outras nem tanto. Tanto as experiências divertidas como os momentos de apreensão puderam ser compartilhados com ótimas pessoas. Relembro de muitas ofertas de ajuda e gestos inesperados de apoio - de brasileiros, de japoneses, de pessoas próximas ou distantes. As poucas mágoas ficaram como aprendizados, e de tudo ficou uma saudade gostosa!

Cheguei no Japão em abril de 1991, aos 24 anos. Fui trabalhar numa empresa de construção civil, que fornecia mão de obra para grandes construtoras. Eu e uma senhora também nipo-brasileira fazíamos limpeza de prédios quase concluídos: varrer, limpar, ensacar lixo.

Na época não tínhamos computadores ou internet, nem celular. Ligava só para a família, uma vez por mês, aos domingos, que era o único dia de folga. O telefone público ficava bem longe.

Depois de dois anos fui trabalhar numa empresa de tradução. Fui conhecendo mais brasileiros e outros estrangeiros, que buscavam estudar e se divertir um pouco além de trabalhar.

Começaram a aparecer jornais em português, restaurantes de comida brasileira e outros negócios. Viver no Japão passou a ser cada vez mais confortável e menos provisório.



Quantas cartas enviei e recebi! Na época não tínhamos como saber o que acontecia no Brasil, só pelas cartas eu acompanhei a crise econômica e política que culminaram com o pedido de impeachment e a renúncia do presidente Collor.

Relatei para vários amigos o fato mais marcante dos meus primeiros tempos do Japão: a perseguição xenofóbica de uma vizinha. Certa noite ela começou a bater com o extintor na nossa porta, berrando: “Bando de estrangeiros! saiam daqui, saiam daqui!” Ela provocou seguidos escândalos, cuja agressividade foi nos apavorando.

Felizmente a mulher se mudou do prédio após uma violenta briga no apartamento dela. Houve boatos de problemas do marido com a máfia japonesa, mas nunca soube ao certo.

Pior que enfrentar o preconceito desta vizinha foi a sensação de desamparo e revolta quando não acreditam em nós (O som da TV não estaria alto? Será que a comida de vocês não cheira forte? Tomem mais cuidado para não aborrecê-la! Assim falava o dono da empresa que nos empregava).

A troca de correspondência foi fundamental para eu não me sentir sem identidade e sem pertencimento. Até hoje tenho fortes vínculos com os amigos que me apoiaram e consolaram de tão longe. Escrever realmente é terapêutico!



